

Caminhando com as Águas: Notas Sobre Espaço E Corpo No Fazer Etnográfico

Janaína Sant'Ana De Andrade¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar os percursos de três experiências etnográficas (duas experiências coletivas e uma solo) realizadas em torno da relação entre rios, o espaço que os cerca, e os indivíduos que habitam este espaço. A partir destas experiências busquei refletir sobre o lugar do espaço, do movimento e do corpo no fazer etnográfico, procurando evidenciar a potencialidade e a contribuição destes aspectos para o campo da antropologia.

Palavras-Chave: Antropologia, Espaço, Corpo, Etnografia, Rios.

Abstract

This article aims to present the trajectories of three ethnographic experiences (two collective experiences and one solo) held around the relationship between rivers, the space that surrounds them, and the individuals that inhabit this space. From these experiences I sought to reflect on the place of space, movement and body in the ethnographic research, seeking to highlight the potentiality and contribution of these aspects to the anthropological field.

Key-Words: Anthropology, Space, Body, Ethnography, Rivers.

Ao me concentrar no papel branco na tela com o objetivo de conjurar as palavras para compor esta reflexão, meus pensamentos se deixam levar pelo suave som das águas de um igarapé a poucos metros de mim. Absolutamente por pura fortuna, ao iniciar a escrita deste ensaio, encontro-me em meio à maior bacia hidrográfica do mundo, caminhando ou guiada pela água ou compelida por ela.

A ideia inicial para esta reflexão era a de me ocupar somente de duas pequenas experiências etnográficas em rios muito menos conhecidos, uma delas a de um rio oculto pela cidade, enquanto a outra, de uma cidade oculta ao rio. Além destas, o que também ganhou lugar nesta reflexão e ganhou para si um papel significativo nessa empreitada, foi uma experiência em - o que eu trarei à discussão como, uma cidade-rio².

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Contato: andradejanaína@hotmail.com

² As duas primeiras experiências etnográficas fazem parte do projeto *Rios, tempos e cidades* do Visurb (Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp) cujo objetivo é refletir sobre a relação entre as pessoas, as cidades e seus rios a partir de saídas de campo coletivas nas cidades de São Paulo e Itanhaém, explorando também questões metodológicas. Já a terceira experiência, na cidade de Manaus, foi realizada individualmente.

A proposta de pensar as relações construídas na etnografia a partir de ideias como as de corpo, movimento e espaço, parte de uma premissa de James Clifford (1997) de que o espaço nunca está dado ontologicamente, e seu "vir-a-ser" se dá através de um mapeamento discursivo e de uma prática corporal. Assim, junto dessas três pequenas experiências etnográficas, busco pensar na potencialidade da tomada destes três aspectos como essenciais à reflexão dos antropólogos em suas pesquisas, e o lugar destes no fazer etnográfico.



Figura 1. Janaína Andrade

RIO OCULTO A CIDADE

Saindo do subsolo cercado de concreto, em frente à estação de metrô da Vila Madalena, temos à esquerda uma grande avenida, à direita muros, à nossa frente céu aberto e rio nenhum à vista. Alguns dos pesquisadores do Visurb – Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp, dispostos a pensar as relações entre rios, cidades e seus habitantes, decidiram investir numa empreitada de saídas coletivas para não só pensar o tema, mas também refletir e experimentar novas formas metodológicas. Orientados por um audioguia preparado pelo Coletivo Cidade Azul³, iniciamos o trajeto em busca do Rio Verde⁴. Busca é um termo bastante preciso, uma vez que não se vê rio em parte alguma. Esta experiência lança os pontos principais com os quais me ocuparei no decorrer deste texto: a

³ A Cidade Azul é uma iniciativa dedicada a transformar nossa relação com a água nas cidades, através de uma jornada para resgatar os rios urbanos, que impulsiona um sistema de saneamento mais distribuído, transparente e eficiente.

⁴ O rio Verde tem nascentes próximas à estação de metrô Vila Madalena e deságua no Rio Pinheiros.

percepção corporal e como ela contribui para o entendimento de lugar e de discursos de espaço.

Visto que nosso primeiro tipo de relação mais aguçada construída com ambiente que nos cerca tende a ser visual, uma vez que nossos objetos não estão mais ao alcance dos olhos, é preciso que nós nos engajemos numa distensão corporal, de modo a permitir que outras partes do nosso corpo assumam o controle. Então, seguindo o audioguia, depois de algumas orientações geográficas, os primeiros movimentos são aqueles para incitar nossa audição. Em meio ao sempre existente tráfego de automóveis na cidade de São Paulo, encorajamos nossos ouvidos a procurar por resquícios de um rio que foi engolido pela cidade de concreto. Com alguns sinais da existência de água corrente em algum lugar abaixo, seguimos pistas que nos fazem entrar em contato de forma mais visceral com as nossas percepções. Somos reapresentados ao nosso tato e olfato como guias do nosso caminho e, ao notarmos que podemos ser orientados pela temperatura ou o frescor do ar, que mudam de um canto para o outro, percebemos que confiar cegamente no nosso olhar certamente não é sempre a resposta. Para isso, começamos a implicar à nossa discussão um pensamento antropológico que se constitui com a preocupação da maneira como se dá a sua relação com o ambiente circundante. Conforme afirmado anteriormente, partimos da premissa de um espaço que nunca está dado ontologicamente e tem seu “vir-a-ser” através de um mapeamento discursivo e de uma prática corporal. O que isso implicaria? Em primeiro lugar, há uma necessidade de considerar cuidadosamente como entendemos o entorno que nos cerca, o meio em que habitamos. Nossa compreensão de qualquer tipo de espaço vem inicialmente delimitada por algumas noções que o permitem chegar à sua forma. Então, quando invocamos algumas palavras-chave para nos referir a este ou aquele espaço, também invocamos um conjunto de regras que gerenciam as relações que construímos com esses espaços.

Em *The Production of Space* (1991), Henri Lefebvre discorre sobre a hegemonia das ciências exatas na definição de espaço, com maior expoente numa matemática que se propõe separada de qualquer pensamento filosófico. Assim, inicio a reflexão aqui com o peso que torna epítome a palavra espaço, de modo que, quando evocada, tende a levar as pessoas a se apoiar substancialmente em noções da matemática ou da física. Deste modo, é oportuno ressaltar que qualquer que seja a nossa compreensão de espaço, ela é estabelecida a partir de parâmetros compartilhados por um grupo que os reconhece como ponteiros dessa constituição de espaço. Lefebvre também, ao retomar a discussão prioritariamente teórico-abstrata que se ocupa dos termos que definidores da cisão entre

espaço físico, mental e social, evitando que estes espaços se sobreponham, enfatiza a importância da discussão se situar na distância entre o espaço “ideal”, aquele proveniente das categorias mentais, e o espaço “real”, ou o espaço da prática social. Pensando junto com a reflexão aqui posta, entendo o espaço “ideal” pressuposto pelo autor, como o que aqui chamamos de conjunto de regras, ou qualquer mobilização teórica em direção à criação de um conjunto que gerencia as relações que construímos com esses espaços. Entendo como espaço “real”, o lugar da prática social, ou, da nossa compreensão de prática, que está apoiada na concepção de um espaço que “se faz” ou “acontece” por meio da realização. Assim, desenvolvemos noção primária de espaço ao encontro da proposta aqui apresentada, a de um espaço mapeado discursivamente e praticado corporalmente.

Como afirmado anteriormente, esta é uma reflexão de James Clifford, trabalhada no livro *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century* (1997), e o autor a contempla ao pensar o campo e o trabalho de campo na Antropologia. Para tal, James Clifford toma emprestada a noção de prática espacial de Michel de Certeau, mas, quando examina o pensamento do autor, Clifford não faz distinção entre espaço e lugar, apenas admitindo para a reflexão o primeiro. Todavia, sua percepção é bastante perspicaz e contribui para as ideias aqui tomadas. Assim, retomando o trabalho de Certeau, lugar aparece como “a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” ou ainda “uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1998, p. 201), enquanto o espaço só passa a existir a partir da prática, “é animado pelo conjunto de movimentos que [nele] se desdobram” (ibid. p.202). Ao passo que Certeau nos oferece muito para pensar, há uma complexificação desse pensamento que reivindica seu lugar. Portanto, ao invés da distinção dual, entre espaço e lugar como propõe Certeau, penso que é produtivo pensar em torno de uma tríade conceitual, entre: ambiente, espaço e lugar. A adição desta terceira esfera, ambiente, deve muito às ideias de Tim Ingold (2002 e 2016). O autor, ao dar lugar primordial à percepção, exaltando seu potencial imaginativo, nos permite a capacidade de constituir e constantemente atribuir forma ao mundo à nossa volta, através de gestos, movimentos e inscrições, e estes, por sua vez, nos possibilitam desenvolver conjuntos de habilidades que orientam as nossas formas de estar no mundo.

Nós experienciamos o mundo à nossa volta a partir de redes complexas que construímos para nós, seja a partir de conjuntos de regras estabelecidos que incorporam a existência do mundo e guiam nossas experiências por ele, ou o experienciando sem a assistência desses discursos. Quanto a esses conjuntos de regras já estabelecidos, ou como chamaremos aqui de discursos, e que são pensados ontologicamente, é preciso

atentar que são passíveis de validação, e que esta validação está sempre intrinsecamente ligada à experiência. Então, nos remetendo aos protagonistas desta reflexão, os cursos de água, me pergunto: o que é preciso para ser um rio? Dentro das três experiências etnográficas diferentes, obtive uma variedade de ontologias de rio diferentes, e todas estavam ligadas à experiência desses cursos de água como *lugares*. E é este o motivo pelo qual abordo a compreensão do ambiente que nos cerca de maneira um pouco diferente da de Certeau, já que identifico um bloqueio ontológico em sua teoria.

Como para Certeau (1998) lugar é uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade, o autor confere a esse conceito o desenlace da experiência. Ainda que seja no conceito de espaço que o autor permita o viés da experiência, onde a partir da prática de um lugar por seus habitantes, um lugar se torna espaço, esse modelo não permite um retorno ressignificado às formas pelas quais constantemente pensamos e acessamos o mundo à nossa volta. Assim, a compreensão de lugar de Certeau aparece anterior à experiência e não leva em conta a capacidade perceptiva de estar no meio que nos cerca e em relação a ele. Portanto, quando o autor propõe uma ideia de lugar e fornece um deslocamento teórico de lugar para espaço, sendo espaço onde o movimento é capaz de provisionar discursos e práticas, ele só nos permite viajar em uma rua de sentido único.

No entanto, nós não vivemos em um lugar estático, onde só percorremos de ponto A a ponto B, mas, somos atravessados e atravessamos diferentes fluxos. Como eu entendo, somos corpos cercados por um ambiente no qual práticas corporais tomam lugar. E a partir dessas práticas, desenhamos discursos sobre este ambiente, desenhamos discursos de espaços. E como vivemos em um arranjo dinâmico, esses discursos sempre podem ser desenraizados, já que eles são constantemente acessados e reafirmados pelas diversas esferas pelas quais organizamos as nossas formas de estar no mundo, e que podem ser reorganizadas a partir da experiência. Vale ressaltar que ainda que Certeau pense, de certa forma, a possibilidade de uma pluralidade de experiências espaciais ao discutir a noção de *tática*, é preciso atentar para a pluralidade ontológica dos espaços (ou o que Certeau chama de lugar) que é anterior a suas realizações como discurso. Certeau atribui ao espaço (como é compreendido em sua obra) o domínio da experiência, mas não reconhece o movimento contrário, de um retorno ressignificado da prática para a noção de lugar. No entanto, se pensarmos junto da tríade ambiente, espaço e lugar, onde o ambiente é o domínio praticado e transformado em lugar, e se tem como subproduto desta prática o espaço, que se realiza na esfera do discurso, existe um retorno, pois, uma vez consolidados, estes discursos de espaço são capazes de mediar as relações de prática do ambiente. Assim, nos é permitido

dar um passo atrás para analisar as ideias de qualquer possível discurso de espaço dado destinado a surgir no domínio ontológico.

Assim, uma vez lançada à compreensão do entorno que nos cerca, é preciso pensar como nos relacionamos com ele. Nessa perspectiva, e retornando à experiência etnográfica com o Rio Verde, me pergunto: o rio que hoje percorre a cidade subterraneamente, quase que clandestino, não se escondeu, foi escondido por alguém. Como veio a ser algo que está no meio do caminho a ponto de ter que ser escondido? Não são pelas relações, especialmente as espaciais, construídas com o ambiente que nos cerca? Sendo o corpo a nossa embarcação para navegar por esse entorno, o pensamos como um recipiente de fluxos que se coloca em um sistema de rotas. É preciso, contudo, delimitar qual é a concepção de corpo que está sendo operada. A princípio podemos pensá-la a partir do sistema sensorial, pelo qual entramos em contato com o mundo. Entretanto, quando se pensa na construção do conhecimento, é preciso ressaltar o quanto somos governados por evidências visuais, e como na ausência delas facilmente nos voltamos para a negação. É precisamente neste momento que um apelo a uma antropologia sensível começa a mostrar seu potencial. Por que nós descartamos tão facilmente nossos outros sentidos, principalmente se pensarmos que muito do fazer antropológico se baseia, por exemplo, no ouvir? Não nos sintonizamos para ouvir as nossas fontes? Dessa forma, ao considerar o quão importante é a relação entre corpo e espaço, deveríamos mesmo excluir este domínio da experiência dos etnógrafos? Mas por que isso implicaria como argumento para uma antropologia sensível? Como dito anteriormente, uma discussão que se situa na distância entre o espaço ideal, ou os discursos de espaço, e o lugar real, resultante da prática corporal, dá tanta importância ao processo enquanto experiência quanto a sua constituição discursiva. Dessa forma, um fazer etnográfico que se propõe a abraçar uma gama maior da constituição das formas em que construímos a nossa existência no mundo poderia implicar uma percepção mais ampla do mundo em que vivemos.

É por isso que pensamos partindo de experiências sensoriais, somente e junto do espaço que buscamos habitar, na busca por dimensionar e tornar palpável a nossa própria experiência de corpo. Assim, o pensamos aqui cinestesicamente, levando em conta a sua habilidade de sentir o seu próprio movimento no espaço.

A evocação do movimento vem junto das instruções do audioguia também. Mesmo com instruções bastante exatas e pontuais, a dica era: caso você se perca, siga o rumo do rio. Se imagine como o curso de água. Pra onde você iria? Além da inserção do movimento do corpo em relação ao ambiente, a experiência nos leva a pensar também outra esfera do fazer etnográfico: a relação com as fontes. A natureza do fazer antropológico é voltada para

os indivíduos e muitas vezes deixamos de pensar a relação que eles exercem no e com o meio em que vivem se não pelas suas falas. Um curso de água, por si só, não nos diz muito sobre as atividades humanas em torno dele realizadas? Então por que limitar a nossa fonte apenas aos seres humanos, em seu sentido estrito? Outras fontes também não são capazes de nos dizer sobre como os seres humanos interferem e criam redes com o mundo que eles construíram?

Durante todo o trajeto era possível ver resquícios de uma relação tempestuosa construída entre indivíduos e o ambiente que os cerca. O concreto tenta esconder, mas a água do rio é uma ruína em negação. Assim, motivada por um corpo distendido em meio ao movimento naquele espaço, seguia os resquícios que me chamavam atenção e se lançavam ao espaço. A minha primeira distensão se deu com o olhar (o inevitável sequestrador de sentidos, que sempre chama para si a liderança), a partir das formas como as das ruas pelas quais trilhávamos o nosso percurso se assemelhavam às formas e curvas de um rio. A cada rua perpendicular que atravessávamos imaginava um afluente de encontro com o curso principal das águas. Assim, passei a ignorar em alguns momentos as instruções do audioguia e pensar o percurso cinesteticamente. Quando a dúvida aparecia, algum outro sentido corria em auxílio e trazia uma dica para o deslocamento. Dessa forma, era na recusa do verde brotar de um lado ou do outro, no movimento ascendente de uma rua que meu corpo identificava que eu trilhava o caminho junto do rio submerso. Caminho esse que tem seu ápice num ponto turístico da cidade de São Paulo, que é lugar de ressignificação. O local conhecido como “Beco do Batman” e reconhecido por ser uma vitrine de graffiti em meio a um bairro nobre de São Paulo, some a vista pelas cores e aparece com o movimento. O desenho do rio que toma forma a partir da rua nos guia pela sua, ainda que submersa, potente existência. Na aproximação ao trecho citado é possível, aos poucos, notar cada vez mais sinais dessa relação tempestuosa, traduzida nas barreiras de contenção a grandes volumes de água, e mesmo em placas de aviso da sujeição daquela área a enchentes que, para quem vive a cidade de São Paulo, sabe da sua inevitabilidade.

Na busca por sons do rio, eu e mais um colega do grupo paramos próximos a um sumidouro, ou, como é mais bem conhecido, um bueiro ou boca-de-lobo. Sumidouro é, no entanto, a palavra que faz jus ao movimento da relação dos homens com o rio, já que esse artifício é lugar para que o rio desapareça, como também, curiosamente, lugar que mostra sua existência. Na tentativa, bastante bem-sucedida, de escutar as águas do Rio Verde, enquanto nos debruçávamos sobre o sumidouro para aproximar os nossos ouvidos,

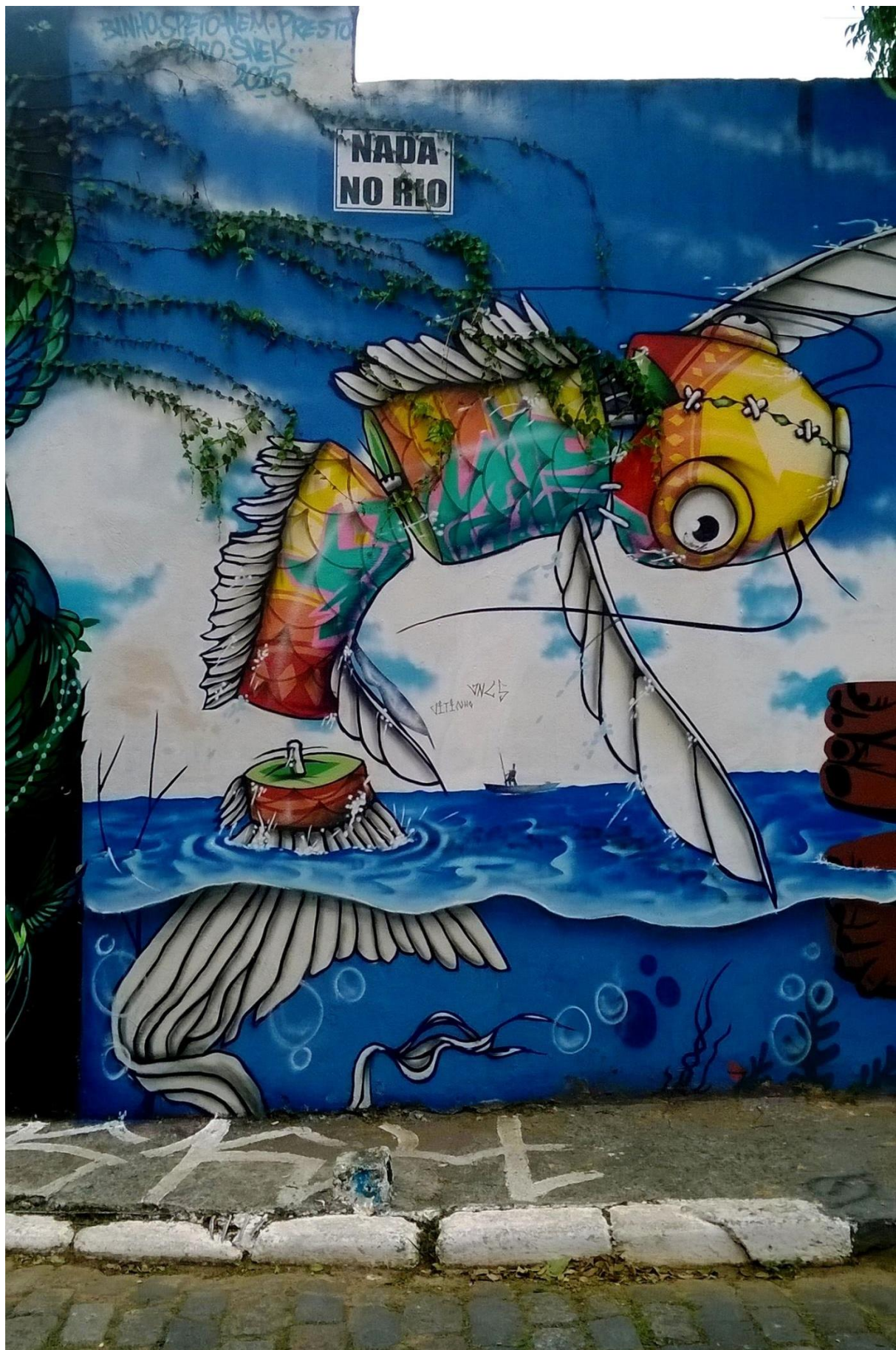


Figura 2. Janaína Andrade

acabamos por chamar atenção de uma senhora que morava logo ao lado, que prontamente já contava sobre as aflições das enchentes.

Assim, mais do que perceber a relação construída em torno das águas, é preciso entender como elas vieram a ter lugar. Seja pela falta de água, que não só a cidade, mas todo o estado enfrentou recentemente, seja pela abundância da água que é desenfreada nos momentos de enchente, é preciso entender a construção do lugar das águas. Tanto a cidade que carece de água enquanto nega existência a seus rios, poluindo os poucos que se admitem, quanto os rios, as ruínas que se recusam, que toda época de chuva transbordam e se elevam de ruínas do subterrâneo ao concreto da cidade, revelam que esse lugar é edificado pela experiência.

CIDADE OCULTA AO RIO

Itanhaém é uma cidade contornada pelas águas, sejam elas do mar ou dos rios. A experiência na cidade se deu na busca pelo inverso. Ao invés de nos voltarmos para as praias e as águas do mar para o qual a cidade é voltada, nos voltamos para a encosta da Serra, buscando pelos rios. A empreitada realizada pelo grupo foi a partir do Rio Preto, que desemboca no rio Itanhaém, e também em alguns de seus afluentes⁵.

Esta não foi a minha primeira experiência na cidade, pois já havia frequentado o lado beira-mar algumas outras vezes e também, ainda que menos vezes, o lado beira-rio. Assim, por conta de uma combinação de fatores, sendo um deles o de já conhecer a cidade, decidi que todos os registros visuais desta experiência etnográfica seriam realizados por meio de desenhos. Afinal, mesmo pensando em um fazer etnográfico que privilegia também outras sensibilidades corporais, o olhar não pode ser deixado de lado. Depois de uma tentativa frustrada de utilizar o desenho anteriormente na experiência do Rio Verde, que junto da câmera fotográfica, puramente por conta do hábito, acabou ficando em segundo plano, decidi que seria necessária uma escolha do desenho como único método a ser utilizado na experiência. Assim, penso que reexaminar as formas pelas quais percebemos, captamos, apreendemos e fazemos uso das imagens, pode ser muito frutífero.

Desta forma, coloquei em prática algumas das discussões realizadas nos últimos semestres junto aos colegas do Visurb e iniciei a minha introdução ao uso do desenho na antropologia. De cara, o maior obstáculo é a dificuldade de colocar no papel o que se vê. Sem a mediação da câmera fotográfica, o registro se torna mais granular, demanda mais

⁵ O rio Itanhaém é formado pela junção dos rios Preto e Branco, que percorrem cerca de 30km cada antes de se juntarem para formar o rio Itanhaém. Este, após sua formação ainda tem em torno de 7km de extensão até sua foz.

escolhas. Uma delas é compreender o lugar da técnica no desenho do registro etnográfico. O primeiro deles é admitir a existência do etnógrafo não desenhista. Assim, a relação criada com o papel é uma relação intimista, que pressupõe não só o olhar do autor, mas também a construção técnica da sua visão. Ora, de certa forma, não é também esse o lugar da fotografia? Muitas vezes pensamos o registro fotográfico como inatingível. Concedemos ao registro fotográfico o olhar do fotógrafo, o recorte do autor, mas cremos que a distância entre a técnica e a realização não pode ser mitigada. No entanto, as escolhas técnicas, desde escolhas estéticas a qual o tipo de câmera, plataforma para a exibição das imagens, não são integrantes de um domínio que pertence à técnica? O repensar a relação entre o olhar e o registro é sem dúvida um dos primeiros êxitos trazidos pela incorporação do desenho no fazer etnográfico, porém, com certeza, não é o único.

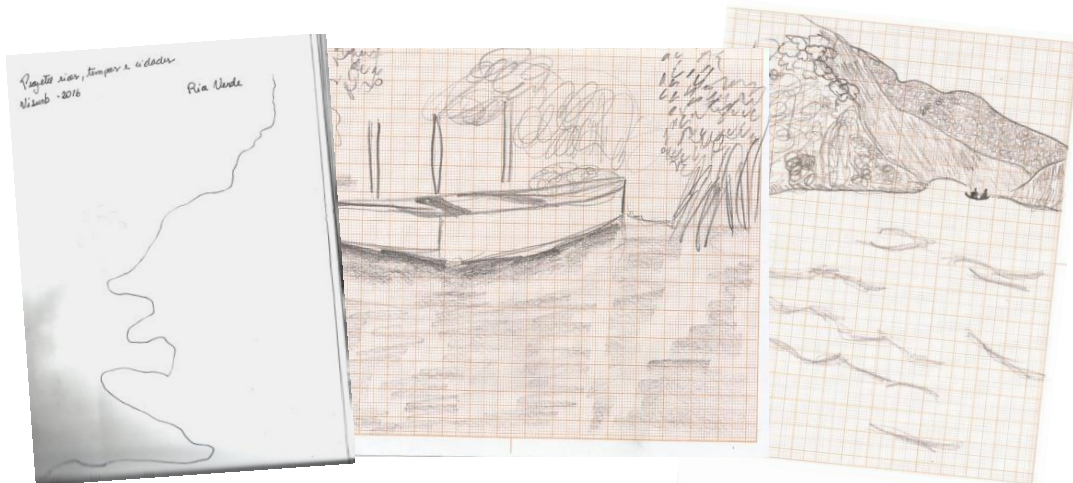


Figura 3. Anotações do caderno de campo. Janaína Andrade

Uma das outras complexidades que se mostrou presente não só em uma, mas em duas esferas desta experiência foi a temporalidade. Pensando ainda junto do desenhar como método de registro etnográfico, a temporalidade se torna uma nova linguagem a ser desbravada. A princípio, é difícil operar nos seus moldes, já que numa experiência pequena, um preâmbulo a uma possibilidade de campo, não se tem tempo o suficiente para demorar-se em uma única parcela de lugar e apreendê-lo do mesmo modo que a imagem fotográfica propiciaria. Assim, se demanda um retorno ao modo como olhar e recortar um lugar para a sua apreensão em relação à construção de conhecimento. Então, o ato de desenhar como registro etnográfico, como metodologia do fazer antropológico, demanda uma reelaboração

das relações estruturais e ontológicas da construção do conhecimento. E o que ela pode propiciar? Possivelmente novas visões, novos aportes, novos caminhos, mas é preciso investigar a fundo para ver.

Mas a temporalidade não só surge como privilegiada para pensar métodos do fazer etnográfico, ela aparece também como personagem da relação dos indivíduos com o rio. E esta relação pode ser pensada em duas frentes: a do movimento e a da permanência. A do movimento se deu junto da nossa investida nos cursos de água em Itanhaém. Na medida em que entramos no barco e iniciamos o nosso deslocamento rio adentro, o movimento interior mais parecia exterior. O deslocar-se por intermédio de um artifício que faça a mediação da experiência com o ambiente que nos cerca é sempre muito relevante para a compreensão de espaço que se dá, pois ele media a relação de contato entre o corpo e o ambiente. Logo, a experiência de percorrer um rio com um barco, e percorrê-lo a partir de suas margens, sem dúvida proporciona alcances diferentes à compreensão espacial do mesmo como lugar. Assim, na experiência do Rio Preto em meio a suas águas, o sinal de vivência daquele espaço se tornava cada vez mais fantasmagórico. Aqui, no entanto, ao contrário do rio Verde, quem se esconde é o concreto, a fantasmagoria é da cidade e não do rio. Os resquícios, também ao contrário da experiência do Rio Verde, eram não os da água, mas os dos homens. A cada curva, nossos interlocutores nos informavam da presença da cidade à espreita do rio, e, novamente, a experiência nos mostrava que confiar somente na visão nos levaria ao engano. Mas ainda que não enxergássemos nada, a vida urbana estava logo ao lado, e era possível escutar vestígios dessa cidade invisível aos olhos do rio.

Invisível na maior parte do trajeto foram também seus habitantes. Com a exceção de poucos transeuntes fluviais, a presença mais marcante de habitação estava nas cadeiras voltadas para o rio. Assim, somos levados a pensar a temporalidade do rio como lugar de permanência. Essas cadeiras, ainda que desocupadas, atestavam a sobrevivência de um rio que se faz lugar e novamente, nos é permitido entender a construção de um espaço que se dá e se ressignifica a partir da experiência.

Desta forma, a temporalidade aparece como chave no entendimento da relação dos indivíduos com o seu entorno, no caso do Rio Preto. Quando é verão, ou época de férias, uma expressão espacial do rio desaparece e dá lugar a outra, é transformada pela experiência. O rio passa a ser lugar



Figura 4. Anotações do caderno

povoado por indivíduos que se voltam para ele e nele projetam sua existência. Passada a temporalidade de vivência naquele lugar, resta ao rio os resquícios deste assombro.

CIDADE-RIO

Na cidade-rio que abriu caminho para dentro desta reflexão, cidade e rio fluíram juntos, foram concretos juntos. A experiência realizada na cidade de Manaus foi puramente motivada pelas experiências anteriores e a possibilidade de pensar mais uma vez no lugar da experiência na relação entre as cidades, seus habitantes e seus rios. Assim, me equipei da proposta metodológica de perceber aquele meio sensivelmente para torná-lo lugar, e a partir dessa experiência, o pensei na formação de um discurso de espaço em relação àquela cidade.

Uma das primeiras demandas que surgiram ao me deparar com a abundância fluvial da cidade de Manaus foi retomar uma discussão do grupo de estudos em relação à terminologia empregada para os cursos de água. Pensando na variedade de termos que geralmente são empregados para designar cursos de água menores, temos no rio o discurso que se constrói em torno dos cursos de água na sua potência máxima. Em certo momento da experiência na cidade, conversando com uma moradora, perguntei qual era para ela a relação da cidade com os rios, e foi necessário um momento para que eu compreendesse o alcance da indagação proposta: “Com os rios? Ou com os igarapés e riachos também?” disse ela. Ao inquiri-la sobre o lugar desses espaços o retorno não foi em relação a uma diferenciação do lugar que cada um deles poderia ocupar na sua experiência, mas sim em relação à possibilidade de uma multiplicidade escondida sobre a mesma voga. “Rio não é aquilo que vocês chamam de rio em São Paulo, rio tem vida, tem correnteza, e tem tamanho!”. A ideia de se conceber como rio os rios Pinheiros e Tietê não tem lugar na experiência da minha interlocutora. O ser rio em Manaus não partilha do mesmo ser rio em São Paulo. Por mais que a distância entre os rios Negro e Solimões, por exemplo, e os rios Tietê e Pinheiros pareça muito clara, se toca numa questão de constituição do rio como lugar que reflete a sua realização como espaço. Não se trata aqui de um rio maculado em oposição a um rio imaculado, e muito menos do seu tamanho, mas se trata de uma diferença a partir do seu vir-a-ser como lugar através da experiência. Isso não significa que seja necessária uma elaboração terminológica extensa que seja capaz de dar conta dessa pluralidade de rios, em especial pela subjetividade dessa construção, mas que se compreenda o espaço desses rios a partir da experiência de lugar dos mesmos. Assim, mais uma vez a mediação da experiência na reafirmação de um discurso de rio se faz clara.

De volta a pensar sensivelmente a cidade e seus cursos de água, encontrei novamente um pouco da experiência do Rio Verde. Perseguindo alguns vestígios de água, afinei meus sentidos e comecei a caminhar com as águas mesmo quando elas desapareciam. Como qualquer cidade grande, Manaus também é tomada pelo concreto e acaba negando às águas seu espaço em meio à edificação da cidade. Mas aqui a presença do rio na cidade extrapola a sua existência subterrânea. A presença das águas que circundam o edificado da cidade, e que em pontos foi escondida, ecoa em diversas esferas da experiência, em especial na esfera gastronômica. Assim, o rio se faz experiência na cidade pelo olfato, pelo paladar.

No porto, a cidade faz limite com uma imensidão de água. Mas o concreto também flui no rio. Tomando um barco que faz um passeio tradicional voltado a turistas, a primeira parada é num posto de gasolina flutuante. Não só o posto, mas uma vasta gama da experiência do concreto paira no rio. Vilas inteiras, com escolas, centros de saúde, entre outras coisas fazem parte da existência de um rio que é cidade. Essa experiência não se faz só de forma mítica, como um símbolo que concebe um rio como espaço de representação. Ela é permeada pelos pequenos barcos que carregam blocos de tijolo, e se utilizam dos *furos*⁶ para cortar caminho, ou mesmo no movimento sazonal das casas quando o rio seca⁷. A cidade não acaba no rio, ela existe junto e em meio a ele. Ainda que a relação entre o rio, a cidade e seus habitantes não aconteça de forma pacífica a todo momento, ela é mediada a partir de experiências diferentes das que tomam lugar em São Paulo ou Itanhaém, por exemplo. Assim, Manaus não só proporciona o encontro das águas com a junção dos rios Negro e Solimões, mas também o encontro de uma cidade que é rio, e um rio que é cidade.

⁶ Um furo é uma comunicação natural entre dois rios ou lagoas de várzea.

⁷ Em certos trechos do Rio Solimões durante o período da seca algumas habitações precisam ser rebocadas para outros trechos do rio, pois devido à diminuição dos níveis de água, alguns trechos ficam completamente secos ou não navegáveis, dificultando assim o acesso a estas habitações.



Figura 5. Janaína Andrade

ÁGUA, CORPO E ESPAÇO

Pensar o lugar das águas através dos rios mostrou que eles não aparecem como um som uníssono, que cabe dentro de uma abstração teórica como a que distingue natureza de cultura. Mas permite perceber como a partir do movimento das águas, dos corpos e da cidade, eles soam como rio que se torna lugar a partir da experiência.

Assim, a tomada da relação do corpo com o espaço aparece para pensar que esta afinidade é construída, e que ela é capaz de mediar a relação da experiência desses espaços. Pensar como o corpo se faz e projeta sua existência no espaço é uma tarefa difícil, e me parece sempre muito afastada do como o conhecimento antropológico é tradicionalmente pensado. Ainda que a antropologia se dedique, desde Mauss (2003)⁸ a pensar o corpo e suas técnicas, ainda prevalecem os repartimentos internos ao próprio campo. Mas como o próprio autor já ressaltava “o desconhecido se encontra nas fronteiras das ciências”, seja se pensarmos na construção do conhecimento internamente, dentro da própria antropologia, bem como em conjunto de outras ciências. O mesmo também se aplica ao posicionamento do corpo do etnógrafo dentro da pesquisa, muitas vezes sublimado do processo em nome de uma pureza científica. No entanto, pensar um espaço sem pensar os corpos que o modelam enquanto discurso, e com ele se relacionam, é como tentar entender as enchentes em São Paulo e não levar em conta os rios enterrados, ou como conceder a primazia da percepção do espaço a um só sentido.

Portanto, penso que é no movimento de dar lugar à compreensão de como se dá a experiência do corpo no espaço, e dessa forma delinear as diferentes relações que criamos ao perceber o meio em que vivemos, que possibilitamos a ampliação da compreensão das formas de como estamos no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel De. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

INGOLD, Tim. *The Perception of Environment*. New York: Routledge, 2002.

⁸ Original de 1950.

_____. "Introduction". In: INGOLD, Tim and JANOWSKI, Monica (eds), *Imagining Landscapes: Past, Present and Future*. Abingdon: Routledge, 2016.

LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell, 1991.

MAUSS, Marcel. "Técnicas do corpo". Em: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.